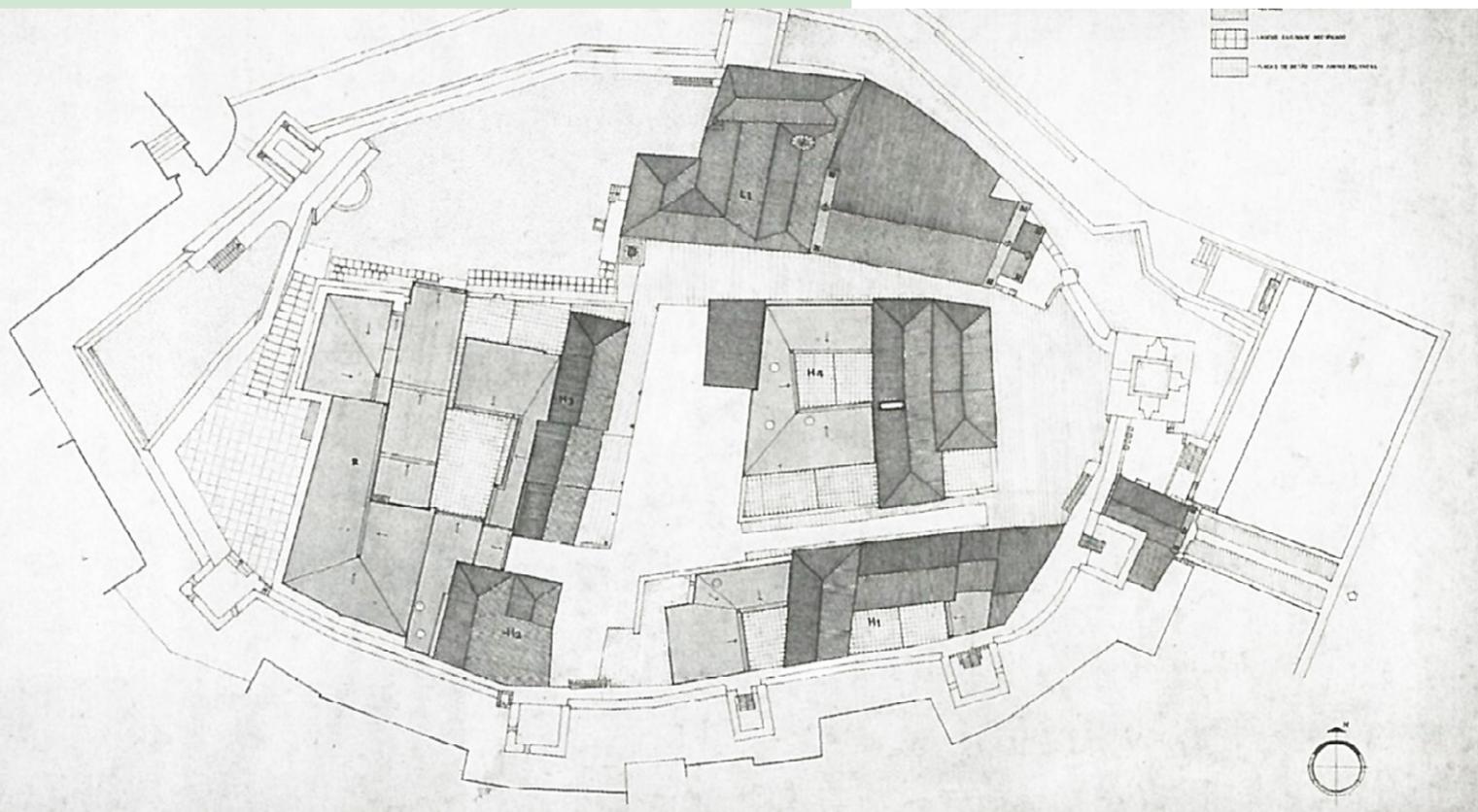


Figura 1: A vila, a muralha e o castelo pousada (Cerveira).



**1972 – Três intervenções no
património e a atualidade
possível no final do Estado Novo**
**1972 - Three interventions in the
heritage and a possible update at
the end of the New State**

José Manuel Pedreirinho

Ao contrário de outros regimes autoritários, o EN nunca definiu uma orientação oficial para o património, numa estratégia semelhante à que seguiu em relação a muitos outros aspetos. De facto, neste, como noutros aspetos, o EN pouco proibia, simplesmente não permitia, e tudo estava dependente de uma qualquer autorização que devia ser sempre solicitada "a bem da Nação.

Preâmbulo

Sabemos como as preocupações para com o património construído foram substancialmente alteradas no 2º pós guerra. Tratava-se então de encontrar respostas para a nova atenção, em grande parte condicionada e incentivada pelos imensos problemas físicos, mas sobretudo conceptuais que se colocavam perante a destruição maciça de edifícios e cidades, verificada um pouco por todo mundo, mas muito particularmente na Europa.

Mas foi sobretudo a partir da segunda metade dos anos sessenta, e com o rápido acelerar das transformações sociais e económicas que os novos conceitos e respetivas normativas se sedimentaram em sucessivas reuniões onde, sob a égide da então recém formada UNESCO e depois do ICOMOS, foi possível estruturar um novo modo de refletir sobre a imensa complexidade de questões levantadas por essa necessidade de recuperar, repensando o património.

É um pouco dos resultados dessas múltiplas reflexões que, em 1972, naqueles que seriam os últimos anos de vigência em Portugal do regime do Estado Novo (EN), e dos constrangimentos por ele impostos, que as três obras aqui abordadas foram iniciadas. Todas elas refletindo já um novo modo de abordagem do património.

Os seus autores foram Fernando Távora (1923-2005), Bartolomeu Costa Cabral (n. em 1929) e Alcino Soutinho (1930-2013), mas nelas estiveram também diretamente envolvidos Mauricio de Vasconcelos (1925-1997), Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996) e Rolando Torgo (1933-201?) entre outros. Pouco mais novos do que Keil do Amaral (1910-1975), Viana de Lima (1913-1991), Ruy Athouguia (1917-2006) ou João Andresen (1920-1967), todos eles eram contemporâneos de Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), Manuel Tainha (1922-2012), Pedro Cid (1925-2003) ou Álvaro Siza (n. em 1933). Quase todos formados próximo de 1950, estão entre os mais

representativos impulsionadores de uma linguagem moderna da arquitetura, numa prática que se concentrava no Porto, no núcleo de professores ligados à Escola, e em Lisboa em torno do atelier de Teotónio Pereira.

Um dos documentos, saídos dos muitos debates, que, depois da guerra refletiram sobre o património, foi a chamada Carta de Veneza, resultado de uma reunião, em Maio de 1964, e entre os 23 técnicos da Comissão de Redação que elaborou o texto síntese estava o arquiteto português Luis Benavente¹. Apesar de estarem presentes outros técnicos portugueses, entre os quais os seus chefes diretos, Benavente apresentava-se em nome individual, pois só no ano seguinte Portugal seria admitido² como membro da UNESCO.

Muita da importância atribuída a este documento deve-se sobretudo ao alargamento do conceito de património. Um conceito que, para além dos monumentos, se alarga ao conjunto dos sítios onde eles se encontram, e à necessidade deles serem abordados enquanto obras contemporâneas, mas também no respeito pelas alterações feitas ao longo do tempo. A análise e o estudo do património passa assim a ter em linha de conta não só a forma original dos edifícios, mas também todas as alterações posteriormente introduzidas.

Por razões conjunturais, os projetos das obras para as pousadas de Guimarães, e de Vila Nova de Cerveira, e o que foi sendo desenvolvido ao longo de mais de três décadas para a Universidade da Covilhã³, foram todos iniciados em 1972. Todos eles têm abordagens inovadoras para aquilo que até essa época era permitido, sendo pioneiras no que seria um renovado interesse cultural e político pelos valores locais, que se manifestaria depois do 25 de Abril de 1974.

Em Guimarães porque é pela primeira vez permitido ampliar um edifício classificado como monumento nacional; em Cerveira reinterpretando o espaço intra-

1 Funcionário da DGEMN desde 1941, e depois seu Director, foi depois destacado como responsável pelas obras no Ultramar. Estiveram ainda presentes outros 6 técnicos portugueses.

2 Portugal aderiu à UNESCO em 1965, através de mediação britânica, e abandonou a organização em 1972, a que reingressaria em 1974.

3 Os edifícios abordados não constituem a totalidade da Universidade (da Beira Interior), mas apenas o seu núcleo central.

muros do antigo castelo para nele integrar uma nova estrutura funcional; na Covilhã aproveitando as características topográficas para com elas refazer o edificado, refuncionalizando todo aquele território previamente industrial.

Conceitos que estão em sintonia com as conclusões da convenção da UNESCO, realizada nesse mesmo ano de 1972⁴, em Paris, onde, depois de Veneza, a abrangência deste conceito é um pouco mais alargada aos conjuntos, ou grupos de construções, e aos locais de interesse, especificando que os sítios (*sites*), podem ser simples obras do homem, ou onde estas se conjugam com as da natureza.

'Orgulhosamente só', nesta como em várias outras reuniões, Portugal não esteve oficialmente representado, afastado por razões políticas⁵.

A tutela sobre o património mantinha-se na Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)⁶, criada em 1929, e uma das estruturas para a "organização corporativa do trabalho nacional" então criadas por Oliveira Salazar. Iria coordenar "os serviços das obras dos edifícios nacionais que se encontravam dispersos" criando um organismo, que permita "imprimir-lhes unidade de orientação [...] e normas que facilitem a sua execução e proficuidade". Dependente do Ministério do Comércio e Comunicações, a sua atividade estava direcionada para a conservação construtiva.

Era formada por três direções, duas delas para os edifícios e a terceira para os monumentos nacionais, todas dirigidas por engenheiros à excepção da dos monumentos que deveria ser chefiada por um arquiteto. Acima destes, o Diretor Geral, a quem competia definir as orientações, e era também engenheiro.

Foi justamente referindo-se ao património que, enquanto primeiro Diretor, Henrique Gomes da Silva⁷, rapidamente assumiu para este uma orientação e uma tarefa claramente ideológica. Foi no 1º Congresso da União Nacional, em Maio de 1934, quando considerou o património como "fixador das riquezas materiais e morais [...] duma consciência nacional do passado, do presente e do futuro". Uma orientação enfatizada por Salazar nas comemorações do ano X da revolução, quando num discurso sobre "as grandes certezas da Revolução Nacional", se refere e relaciona a "restauração material, restauração moral e restauração nacional"⁸.

Aquilo que é inicialmente referido como uma estrutura para coordenar as obras dos edifícios do Estado, passa assim a assumir uma tarefa ideológica na defesa dos valores morais e na propaganda do regime. Uma tarefa política do âmbito da divisão dos monumentos, mas que, cada vez mais, se confunde com a própria ação da DGEMN.

Documentos essenciais para conhecermos as obras então feitas são os Boletins, que a DGEMN publica a partir de 1935. Aí se documentavam os trabalhos feitos para devolver os monumentos à "beleza primitiva, expurgando-os de excrescências posteriores e reparando as mutilações sofridas". Era o retorno às épocas e personagens de um passado heroico, uma tarefa que se completava com as numerosas e encenadas comemorações públicas com que se reescrevia a história destacando factos, acontecimentos, locais e pessoas.

Exemplares dessa postura foram as intervenções feitas ao longo das décadas de 30 e 40. Destaque para as então feitas em Guimarães (com a reinvenção do Paço Ducal), no Porto (limpando e recriando o terreiro da

4 Consciente de que estas questões exigiam uma tomada de posição para além das fronteiras nacionais, foi o primeiro passo na procura de diretrizes para um património mundial.

5 Nesse mesmo ano já uma outra delegação tinha abandonado a Conferencia Internacional do Trabalho após a aprovação de uma moção idêntica rejeitando o sistema colonial português.

6 Os antecedentes na estrutura do Estado remontam a 1919. Até início dos anos 70, concentravam-se aqui todas as intervenções nos mais variados edifícios e não só nos classificados.

7 Henrique Gomes da Silva foi Director Geral desde 1929, até ao limite de idade em 1960, sucedendo-lhe José Pena Pereira da Silva que foi director entre 1961 e 1976.

8 Discurso em Braga, em 1936, a propósito dos trabalhos de restauro feitos no edifício da Biblioteca /arquivo do arcebispo.



Figura 2: A ruina existente e o novo (Cerveira).

Sé), em Coimbra (na construção de uma 'acrópole do saber'), em Lisboa (nos vários projetos de monumentalização da 'capital do império'), em Vila Viçosa (com a reformulação do traçado urbano), ou tentadas em Sagres (nos sucessivos projetos para um monumentos ao Infante, nunca construído).

Intervenções que não eram a consequência de qualquer reflexão sobre o património. Ignoravam mesmo aquilo que já na conferência de Atenas, em 1931, se criticava sobre a reconstituição integral dos monumentos, antes defendendo a sua manutenção, pois para o Estado Novo eles eram sobretudo uma manifestação com objetivos de pura propaganda política.

Entretanto, a situação na Europa, com as destruições da guerra e a disponibilidade de novas tecnologias, mas também com uma nova realidade sócio-económica, levavam a uma inevitável reflexão e reformulação do que poderia e deveria ser a abordagem ao património. Reflexões que foram sendo enquadradas pelas várias estruturas internacionais criadas, onde se desenvolveu o debate sobre o património e se foram estruturando mecanismos que pudessem impedir repetição de situações semelhantes.

Sucedem-se assim a fundação da UNESCO para as áreas da educação, ciência e cultura (1945); reuniões em Haia e Paris com vista à criação de mecanismos



Figura 3: A ligação entre o antigo mosteiro e o corpo novo

internacionais de proteção (1954); congressos (em 1957 e 1964) de que resultou a fundação do ICCROM e do ICOMOS, entre muitos outros debates. De quase todos eles Portugal esteve ausente, ainda que mantendo conhecimento do que lá se passava.

Ao contrário de outros regimes autoritários, o EN nunca definiu uma orientação oficial para o património, numa estratégia semelhante à que seguiu em relação a muitos outros aspetos. De facto, neste, como noutros aspetos, o EN pouco proibia, simplesmente não permitia, e tudo estava dependente de uma qualquer autorização que devia ser sempre solicitada “a bem da Nação”.

Esse papel foi desempenhado pela DGEMN, que o conciliava com as orientações do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) dirigida por António Ferro. Foram estes dois organismos que construíram a imagem do estado, e para quem o património eram os monumentos. Assim se passaram as décadas de cinquenta e sessenta, espalhadas entre os restauros da DGEMN, a glorificação da aldeia mais portuguesa e um estilo D. João V, que se impunha nas cidades, ou se exportava como imagem de alguns dos pavilhões para as representações no estrangeiro.

Paralelamente, viviam-se, também em Portugal, anos de mudança na prática arquitetónica, onde, apesar dos constrangimentos, se produziram, ainda que esporadicamente, algumas obras marcantes de uma visão moderna, mas de onde a intervenção no património estava ausente, com exceção dos edifícios das pousadas, e principalmente das chamadas pousadas históricas⁹. Com estas pretendia-se criar uma rede para desenvolver o turismo, conjugando alguns monumentos com os locais de passagem de um turismo agora essencialmente rodoviário, publicitando uma identidade nacional “no respeito do estilo de cada região”.

As pousadas foram assim dos primeiros edifícios onde o novo e o antigo se confrontaram. Com elas integrava-se um programa novo em edifícios pré-existentes e valorizava-se a imagem de uma origem-início mais ou menos idealizada, procurando sempre conciliá-lo com um dos períodos heróicos da história. Com elas procurava-se ainda fazer a síntese com as orientações do SPN e assim melhor assegurar o correto gosto dos portugueses, realçando os valores mais tradicionais, destacando formas e materiais de um mundo rural, pretensamente estilizado, como a referência mais conveniente. Estes edifícios deviam ser rústicos, tal como as igrejas eram românicas ou góticas, os castelos deviam ter ameias e as cidades deviam ter um pelourinho, ainda que falso.

Fora deste figurino, fizeram-se então as pousadas de Valença, Bragança e Oliveira do Hospital¹⁰, todas edifícios novos e isolados, mas escasseiam outros exemplos.

⁹ Criadas na década de cinquenta, aproveitando edifícios e monumentos, muitos deles em mau estado. A primeira foi a do Castelo de Óbidos (inaugurada em 1951).

¹⁰ Todas feitas na segunda metade da década de cinquenta.

Bem diferente era a realidade dos monumentos, onde a preocupação continuava a ser a "integridade arquitetónica", ou seja a "devolução dos monumentos ao seu estado primitivo", "expurgando-os de excrescências posteriores".

Passados os anos de propaganda política que marcaram as décadas de 40 e 50, nos anos 60 a concentração das despesas do estado passa a ser canalizada para a guerra em África, com uma significativa redução das intervenções no património. Em 1960 muda a direção da DGEMN, e com ela também se atenua algum do rigor nos pressupostos da política do património, ainda que continuem a fazer-se obras como as da igreja de Santa Engrácia (1956-1966), ou da recuperação do teatro D. Maria II (1964-1978), onde a aparente unidade com o pré-existente contrasta, com a incoerência das soluções técnicas e formais adotadas.

O EN insistia numa prática que considerava os monumentos, tal como os grandes homens da história, como entidades isoladas para assim melhor se destacarem do enquadramento social, económico e cultural fundamentais para o entendimento e a interpretação de cada uma das situações. Mas, as entidades internacionais propunham que se definisse monumento histórico, como englobando "a criação arquitetónica isolada, bem como o sítio rural ou urbano que constitua testemunho de uma civilização particular de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico".

Era este o ambiente cultural sobre o património que se vivia em Portugal no início da década de setenta, quando estes três projetos são iniciados.

O ambiente cultural

Nessa época eram ainda os princípios expressos na carta de Veneza que predominavam no entendimen-

to de um património com um enquadramento agora mais abrangente no espaço e no tempo. Um espaço que, para além do edificado, se amplia às paisagens e aos sítios, e um tempo que deixa de ser estático para ter em conta todas as transformações porque sempre passam os edifícios. Espaços e tempos que eram agora entendidos como elementos fundamentais para a leitura da história de cada arquitetura.

Nesses anos a DGEMN fazia obras na pousada dos Lóios, embora o projeto fosse de 1957, mas também na adaptação do Paço Episcopal de Castelo Branco, (um projeto de 1964) ou na pousada de Palmela, (projeto de 1969, com obras até 1979), e em todas elas as intervenções feitas continuam a esconder as criticadas "obras de adaptação ao gosto moderno ou a pretendidas exigências culturais".

A década de sessenta foi em Portugal um período também marcado por sucessivos protestos políticos, muitos deles diretamente relacionados com a política colonial que o governo se recusava a discutir ou alterar, e que iriam condicionar social e economicamente todo este período.

Estes foram também anos em que foi possível organizar algumas das estruturas de reflexão e iniciativas que iriam permitir muitas das mudanças materializadas nos anos setenta.

Logo em 1961, ao contrário do que era a prática comum, afirma-se que "a renovação dos edifícios deverá respeitar o ambiente das zonas onde eles se circunscrevem"¹¹, e em 1962 e 1963 são criados no LNEC e na DGSU¹² centros de estudo. Em 1965 é reformulada a JNE¹³ que passa a ter uma secção especificamente destinada à "Proteção e Conservação de Monumentos e Obras de Arte". Em 1968, promovido pela FCG, e pela FIHUAT¹⁴, no '1º colóquio de Salvaguarda da paisagem e dos locais históricos', apesar da escassa adesão e di-

11 Manuel Laginha num congresso sobre urbanismo, ao abordar a renovação urbana, VA, 1961, p.446.

12 Refiro-me ao Centro de Estudos Urbanismo e Habitação engenheiro Duarte Pacheco (CEUHDP)

13 A Junta Nacional de Educação (JNE) foi criada em 1936 com o objetivo de estudar "todos os problemas que interessam à formação do carácter, ao ensino e à cultura".

14 Federation Internationale pour l'Habitation l'Urbanisme et l'Habitation du territoire (FIHUAT)

vulgação na classe profissional, estiveram representados o CEUHDP e a DGEMN além de diversos especialistas estrangeiros. Praticamente sem consequências foi a abertura, ainda nesse ano, do concurso para um novo professor para a ESBAL que não se traduziu em qualquer renovação pedagógica, e em 1969, realiza-se um outro ciclo de conferências, desta vez no Funchal.

Iniciativas muito diversas mas que criaram um ambiente propício ao surgimento de propostas como a da recuperação da zona do Barredo (no Porto), um plano que vai evidenciar as importantes relações à época desenvolvidas entre a Escola de arquitetura do Porto e a cidade¹⁵, ou o convite da Unesco a Viana de Lima para várias intervenções no Brasil, na zona de Minas Gerais, ambas marcantes de toda uma renovada e inovadora atenção aos problemas do património e à reabilitação dos centros históricos.

Uma atenção que era também o resultado de uma outra atividade que então assume uma crescente relevância económica e social: o turismo, a que importa juntar o ensino universitário, justamente os programas dos edifícios aqui analisados.

A Universidade porque estava a tentar recuperar de uma grave crise académica, e do generalizado mal estar de toda uma geração, com uma das respostas do regime a ser a proposta de criação de 6 novos polos de ensino. Quanto ao turismo, este assume a partir de 1964 um forte crescimento quer no número de turistas quer na importância das receitas, e a partir de 1971, esta será mesmo a atividade responsável por uma importante parcela das exportações nacionais.

A coincidência no tempo, do início dos três projetos enquadra-se ainda com o ambiente cultural de alguma abertura política, que então se vivia, como consequência da substituição, em Setembro de 1968, de Salazar por Marcelo Caetano. Uma situação que, se nos anos anteriores já soava a uma morte anunciada do regime, nos de 1968 e 69 se acentuou com o agravar de sucessivas crises académicas e contestação social,

a que o governo contrapunha com ténues tentativas de mudanças, cosméticas, do regime. Mudanças que passaram pela realização de eleições, e pela possibilidade de se realizar um Congresso da Oposição Democrática. Para os arquitetos, que continuavam impossibilitados de organizar um congresso ou outro encontro de carácter mais amplo onde pudessem debater os muitos problemas da profissão, foi apenas permitida a realização de um encontro, com outras prioridades políticas, onde o património não foi tema do debate.

1972, o ano em que se iniciam estes três projetos, foi também o da saída de Portugal da UNESCO, depois de vários anos de sucessiva pressão internacional devido à política africana seguida pelo governo.

Abordar o património deixou de se centrar nos monumentos, para ser alargado aos conjuntos e sítios. Um alargar de conceitos que de algum modo acompanhava a da própria prática arquitetónica, que cada vez mais se ampliava do edifício até à paisagem, assumindo que uma das formas de organização do espaço é a "vertical, que se realiza entre homens de diferentes épocas" (Távora, 1962). Tudo isto num tempo em que a memória e a história estavam cada vez mais presentes na obra de muitos arquitetos.

3 intervenções no património construído

A importância destas três obras no panorama do que então se fazia em Portugal, com uma legislação ainda muito restritiva, tem a ver com a capacidade de aqueles projetos terem sabido aproveitar a escassa abertura que então se vivia, para exprimirem uma abordagem de cada um daqueles projetos de um modo claramente atualizado com aquilo que eram as preocupações e ideias expressas nas variadas reuniões internacionais.

A maior inovação que nelas se exprime é o modo como interpretam e assumem o alargamento destes conceitos, ou seja, como prolongam e relacionam cada um

15 Onde, apesar das muitas diferenças, podemos encontrar algumas relações com o plano que então se desenvolvia para Bolonha.

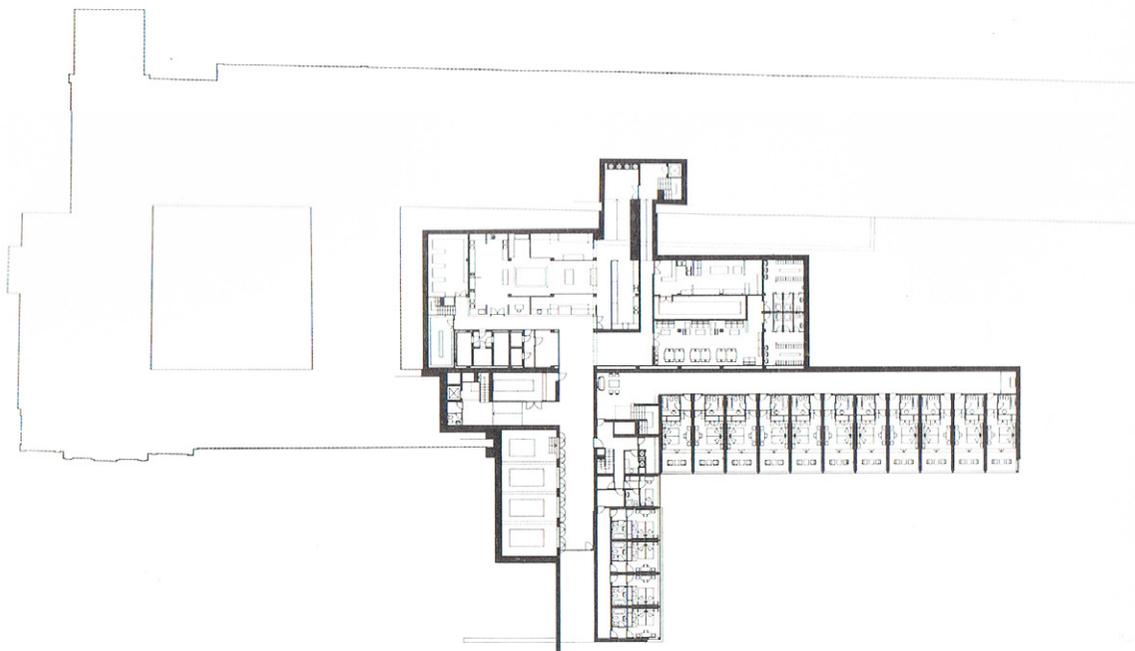


Figura 4: Um dos novos pisos da extensão do antigo mosteiro (Guimarães).

destes projetos num tempo e num espaço alargado. Os três vão, cada uma à sua maneira, colocar questões que vieram permitir um novo entendimento da relação do património com o território, as paisagens e os sítios.

E se é um facto que cada obra de arquitetura nunca se pode dissociar do sítio onde é feita, quase todas as anteriores intervenções no património limitavam-se geralmente a uma abordagem que privilegiava o edifício/objeto pré existente, como que o congelando, na expressão de uma "certa decadência nesta obsessão por conservar edifícios".

Pelo contrário, todas estas se prolongam na continuidade do tempo de cada um deles, mas também num espaço alargado a uma envolvente que já não se restringe aos limites físicos, antes se prolonga pelos reflexos sociais, económicos e culturais.

À data do começo destas intervenções, todos estes edifícios estavam bastante degradados. As duas futuras pousadas ocuparam espaços antes utilizados como habitação, e na Covilhã tratava-se de uma antiga área de fábricas que se tinha degradado depois do encerramento e abandono de instalações que tinham sido a principal riqueza da região. Em Cerveira

e em Guimarães tratava-se de construir uma pousada integrada num edifício histórico. mas enquanto num dos casos se trata de um tecido claramente urbano, o outro, embora ligado ao pré-existente convento, onde seria instalada parte significativa do programa, pressupunha a necessidade da sua ampliação.

Esquecendo a reinvenção total feita no Paço Ducal de Guimarães, na década de 40, estas são as primeiras vezes em que será autorizada a intervenção num monumento nacional com a sua ampliação. Uma situação a que a DGEMN sempre se tinha oposto por as considerar "atentados de lesa-arte, lesando simultaneamente as tradições históricas e até a dignidade da inteligência" (Silva, 1935, p.6). Para Gomes da Silva, o facto de se tratar de um monumento nacional impedia que nele se introduzissem alterações, e portanto que o mesmo fosse ampliado¹⁶.

No caso da Covilhã, tratava-se de uma antiga zona industrial, onde se mantinham os edifícios das antigas fábricas de lanifícios, agora devolutas. Pretendia-se aí instalar o novo polo de ensino superior da cidade, o que estava indissociavelmente ligado ao aproveitamento e ocupação desse património industrial a que se começava então a dar alguma atenção, mas que não tinha ainda qualquer proteção legal.

¹⁶ Nalgumas (poucas) obras anteriores em que isso foi feito, esses trabalhos eram vagamente justificados com razões arqueológicas, ou documentais, como se constata na consulta dos Boletins, ou então escondiam-se em caves.



Figura 5: A Universidade na cidade (Covilhã).

Quer em Guimarães, mas ainda mais na Covilhã, a topografia muito acidentada era um elemento fortemente condicionador da expansão dos edifícios, enquanto que em Cerveira o antigo castelo ocupava um pequeno morro que a vila tinha rodeado. A pequena dimensão do castelo e da vila, bem como a sua morfologia foram elementos determinantes para a solução encontrada, enquanto que no estudo da universidade a atenção se centrou na manutenção das relações que ao longo dos anos tinham sido desenvolvidas entre a cidade e todo este equipamento.

Os autores destes três projetos foram, Fernando Távora, Bartolomeu Costa Cabral, foi desde início o responsável pela coordenação da obra da Covilhã, um projeto do gabinete de Maurício Vasconcelos¹⁷, onde na altura trabalhava. Quanto a Alcino Soutinho, ele era um dos membros da equipa que iniciou os estudos para Vila Nova de Cerveira. Neste último caso, e dadas as características do sítio, o convite foi feito diretamente a

Octávio Lixa Filgueiras, que ao aceitar o trabalho, definiu logo que iria trabalhar com Soutinho e Rolando Torgo. É ainda essa equipa que, apresenta o anteprojecto, mas posteriores compromissos assumidos, na JNE, levaram Filgueiras a decidir afastar-se do trabalho do escritório, passando então a responsabilidade da sua coordenação a ser assumida por Soutinho¹⁸, que mantém até final a colaboração com Rolando Torgo.

Questionar se "estamos perante um problema técnico, e não se trata de arquitetura, ou se trata de um problema de projeto" (Grassi, 1979, p.81), foi uma questão que, certamente, não se colocou face à longa, diversificada, e nada especializada, experiência de todos eles. Sabendo que "o arquiteto, para realizar-se tem de saber fazer e ao mesmo tempo, conhecer as coisas, e os homens, e o mundo, e a vida" (Filgueiras, 1962, p.16), estes só podiam ser problemas de projeto, onde "as opções fundamentais não se colocam prioritariamente a nível construtivo ou

17 O GPA, Gabinete de Planeamento e Arquitectura, que funcionou até 1994.

18 Também em 1972 Soutinho inicia duas outras obras relacionadas com o património: os estudos para adaptação do Forte de S. João da Foz, para uma estalagem, que após apresentação do estudo prévio não teria qualquer sequência; o Museu Amadeu de Sousa Cardoso em Amarante, uma obra, que se iria prolongar até 1978, onde é bem clara a preocupação de interpretar a história, usando-a como base para a organização das novas estruturas.

tecnológico, esses níveis viabilizarão a ideia e a ideia, tem forma, deve ter coerência formal e construtiva. Aqui entram todos os saberes associados para a representar e apresentar: as tecnologias, a história ou a arqueologia, a antropologia e a economia, etc., serão matéria disponível para a construção que a ideia determinar." (Costa, 2004, p. 2).

Uma abordagem do projeto onde está sempre bem presente o carácter de síntese da multiplicidade de contributos trazidos pelas várias ciências do homem, e das implicações no modo como se deveriam, agora, entender as relações entre o novo e o antigo que cada um destes projetos se realiza.

Questões técnicas, sem dúvida, mas sobretudo questões conceptuais, no âmbito da disciplina da arquitetura: na relação de cada obra com o território onde está implantada, e na expressão da relação com o património, na necessidade do respeito pela sua memória mas também de viver a sua contemporaneidade, sem quaisquer preocupações miméticas.

Foi com esse espírito que na Covilhã foi possível manter o carácter dos antigos edifícios industriais construídos por Pombal, e assim salvaguardar a estreita relação que eles estabelecem com a cidade. Assim a universidade mantém-se como continuidade das antigas fábricas, tal como estas representavam já a continuidade construída com as pedras das muralhas da cidade caídas com o terramoto de 1755, e dos muros que as prolongam e fixam cada um deles na serra.

Situada a cerca 3 kms de distância da cidade de Guimarães, é também a história que justifica a representatividade e simbolismo da fachada de Santa Marinha da Costa, ainda que esta tenha sido sucessivamente alterada até ao sec XVIII, altura do apogeu da sua importância, logo a seguir interrompida no XIX com a Revolução Liberal de 1834. É ainda a história que explica o desenvolvimento deste convento que durante mais de 400 anos foi ocupado pelos cónegos de Santo Agostinho, mas também as sucessivas ocupações que teve até aos nossos dias.

Também urbano é o conjunto de Cerveira. Não um urbano que se relaciona, com a povoação, como geralmente acontece, mas sim um urbano que é a própria memória do antigo núcleo fortificado da Vila, delimitado pelo perímetro das muralhas. As novas construções são assim o reflexo da memória da antiga cidade muralhada, e a própria estrutura urbana. Espaços de vida, individualizados, alguns construídos dentro de antigas ruínas, outros redefinindo o traçado do espaço público. Uma mistura entre o velho e o novo, onde o antigo e o contemporâneo se complementam num todo indissociável e quase intemporal. A pousada torna-se assim a antiga vila intra muralhas.

Apesar desta sua coerência interna, todas estas estruturas construídas só podem ser compreendidas nas ligações que cada um destes edifícios estabelece com cada um dos sítios. É no modo como os diversos percursos e caminhos se ligam e prolongam pela cidade (da Covilhã), ou organizam a charneira entre o velho e o novo (em Guimarães), ou como, enterrados, permitem o funcionamento entre os distintos corpos da pousada (de Cerveira), que podemos entender as múltiplas e complexas leituras de cada um destes projetos, e da continuidade no tempo¹⁹ que cada um deles representa.

Percursos com os que se exprimem a necessidade de responder às funcionalidades de cada obra. Soluções que passam por encontrar o modo de partilhar a comunidade do espaço público da antiga fortificação com o usufruto da desejada privacidade desse mesmo espaço por parte dos utentes dos quatro núcleos em que se organiza uma pousada agora espartilhada pelas antigas construções, e "sob o ponto de vista estético [...] a preocupação de obter um contraponto entre os elementos fundamentais das construções existentes e as novas construções" (Soutinho, p.23); ou a minuciosa procura do preciso ponto onde o velho e o novo se tocam, articulam e desse modo se resolvem para permitir o funcionamento de todo o conjunto, ou ainda de como um novo corpo se integra plástica e volumetricamente com o antigo; até às necessidade de compatibilizar as especificidades de circulação, de

19 No sentido com que Aldo van Eyck se lhe referia.

iluminação ou de autonomia do funcionamento de um auditório, uma biblioteca, um museu, com variados tipos de salas de aulas, num programa sujeito a sucessivas mudanças num projeto que se foi fazendo ao longo de mais de trinta anos "com muita simplicidade, sem ideias pré-concebidas [...] e que não podia assentar sobre os aspetos estéticos" (Cabral, p.57).

Distintas formas de trabalhar no património onde, para além das opções volumétricas, funcionais ou até formais de cada um destes projetos, em todos eles intervir é sempre entendê-lo como o resultado "de uma criação permanente e coletiva um desenho "sempre evocado e continuado do passado" (Ferrão, p. 40). Ou, como Calvino gostava de se referir ao desenho, entendido enquanto síntese da memória e da cultura.

Abordagens todas elas muito 'abertas' e inovadoras, seja no sentido de propor novas formas de reorganizar um tecido já irremediavelmente perdido, mas onde se procura manter a coerência daquilo que nele ainda era possível encontrar de memórias de outras estruturas, já desaparecidas, ou ainda procurando nessas mesmas memórias as referências para as novas edificações no desenvolvimento de cada projeto. Uma procura de as recordar sem quaisquer mimetismos, nostalgia ou aquilo que hoje talvez devêssemos designar de 'hibridismo', no sentido que Homi Bhabha dá a este termo.

Iniciados numa fase já final do EN, um período marcado pelas contradições de uma hesitante abertura do regime, que pretendia ser também cultural, mas que andava a par com um cerrar fileiras dos núcleos mais conservadores que o apoiavam. Estas foram, seguramente, obras²⁰ marcantes para aquilo que passou a ser um outro modo de encarar e trabalhar com o património.

Manifestações exemplares da necessidade de encarar a recuperação do património como "um ato de criação

e não de rotina burocrática ou de capricho pessoal"²¹, ou seja, como projeto de arquitetura.

Uma abordagem que o coerente trabalho das longas e diversificadas carreiras de todos eles sempre manteve.

Lixa Filgueiras foi, em Portugal, dos primeiros arquitetos a interessar-se pelo estudo das relações entre a arquitetura e as ciências sociais. Uma opção bem demonstrada no tema apresentado para a CODA²², pela coordenação da zona 2 do Inquérito (1955-61), ou pelo anexo às grelhas do CIAM que apresentou em Dubrovnik (1956) onde também estava como co-autor da proposta da equipa do CIAM Porto, ou pelo programa de inquéritos urbanos que desenvolveu para a zona do Barredo na cadeira de 'arquitetura analítica' que regia (1962-70). Há muito apaixonado pelo estudo das embarcações tradicionais, e pela compreensão daquilo que elas representam de relações entre as soluções formais e as condicionantes de cada sítio, ou o modo como as populações as usam, foi ao seu estudo que se dedicou no final da vida.

Fernando Távora, a seguir ao projeto de Santa Mariinha da Costa desenvolveu o do mosteiro de Refóios de Lima (1987-93) para a sua adaptação a uma escola agrícola, e colaborou na recuperação do centro histórico de Guimarães (desde 1983), e numa sucessão de outras obras em edifícios de património, sobretudo em Coimbra, e no Porto, que culminam com a intervenção feita na torre da Casa dos 24, junto à Sé catedral (1995-2003).

Bartolomeu Costa Cabral, é, de entre todos estes arquitetos, o que teve uma atividade profissional quase exclusivamente ligada ao projeto, e mais diversificada, numa partilha de atelier com Nuno Teotónio Pereira, com quem sempre manteve colaborações esporádicas, numa relação de amizade até à morte deste. Permaneceria ligado a este trabalho da Universidade da

20 A pousada de Vila Nova de Cerveira seria distinguida em 1982 com um prémio Europa Nostra e a pousada de Guimarães teria o Prémio Nacional de Arquitectura de 1997.

21 Távora, Fernando: Património, Comunicação ao primeiro Congresso da Região Norte, Porto, 1987

22 As CODA eram o Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto. O tema apresentado por Filgueiras foi: "Urbanismo um tema rural" (Dezembro de 1953).

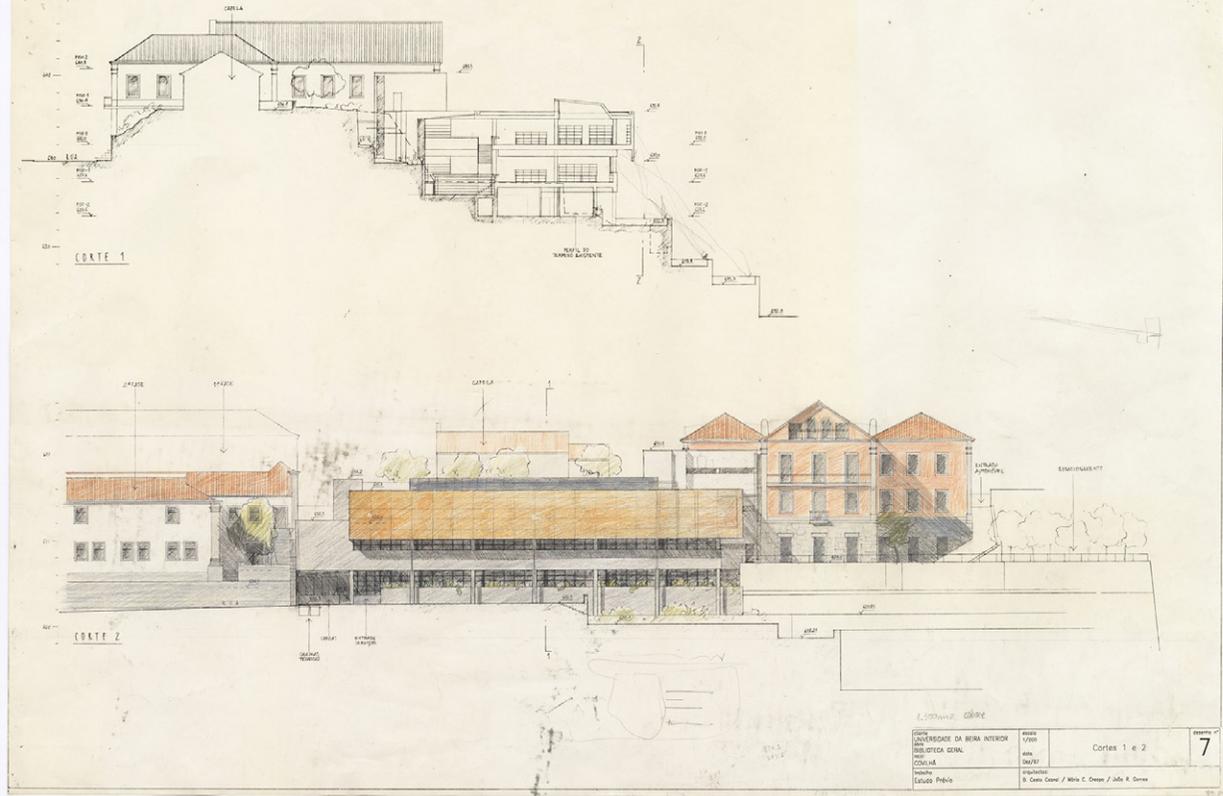


Figura 6: A nova biblioteca (Covilhã).

Covilhã durante mais de trinta anos, entre 1972 e 2004 numa sucessão de intervenções, onde se destaca o corpo da biblioteca (2001), e se concluiu com o museu de lanificios e arquivo histórico (2004).

Conclusões:

Estas foram três obras inovadoras que, em 1972, tiveram em Portugal um papel como pioneiras na diversidade de abordagens ao património e às possibilidades de nele se conciliar o moderno com a memória e a história, prolongando o passado, trazendo-o à vivência do presente, conscientes de que não há um método específico para se abordar o património. Apenas há que compreender o pré existente, para sobre ele criar novas condições de vida, num entendimento alargado do espaço, onde se inclui o território envolvente, mas também do tempo, pelo modo como a história e o passado são integrados no projeto. Um novo modo de abordar a intervenção no património, na consciência de que a arquitetura, tal como a cidade, vai evoluindo, e o papel do arquiteto é, cada vez mais, o de reinterpretar, compreender e trabalhar com esses diferentes ritmos, algo que todas as transformações trazidas pelo 25 de Abril de 1974 iriam

potenciar e diversificar, mas foram já aqui exemplarmente exploradas.

Exemplares e inovadores do modo como o património passou a poder ser encarado como "gestos de contemporaneidade absoluta [...] consequência da leitura que temos do passado, da nossa vivência consciente do presente e dos nossos projetos pessoais para o futuro." (Costa, 2003, p.10)

Um património que sendo arquitetónico, é, necessariamente físico, mas cujo conhecimento tem também de ser feito na complexidade das suas múltiplas, e outras, dimensões conceptuais.

Introduction

We are aware of the substantial change in the appreciation of built heritage after the Second World War. It was necessary to find solutions for the new situation, largely conditioned by physical problems, but above all by conceptual ones due to the massive destruction of buildings and cities all over the world, but especially in Europe.

From the second half of the 1960s, social and economic transformations accelerated, which led to new concepts that were the basis of many meetings sponsored under the auspices of UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) and ICOMOS (International Council on Monuments and Sites), which had been recently created. From these concepts it was possible to create a new way of reflecting the significant complexity of issues raised by the need to recover and rethink heritage.

As a result of these multiple reflections, in 1972, in what would be the last years of the New State regime in Portugal (Estado Novo, EN), and with the limitations imposed by it, the three works analyzed here were published. All of them already reflect a new approach to heritage.

Their key authors were Fernando Távora (1923-2005), Bartolomeu Costa Cabral (1929) and Alcino Soutinho (1930-2013), with contributions from Mauricio de Vasconcelos (1925-1997),

Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996) and Rolando Torgo (1933-2017).¹ Other contributors included Keil do Amaral (1910-1975), Viana de Lima (1913-1991), Ruy Athouguia (1917-2006) or João Andresen (1920-1967), all contemporaries of Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), Manuel Tainha (1922-2012), Pedro Cid (1925-2003) and Álvaro Siza (1933). Almost all of them trained around 1950, they are among the most representative promoters of a modern architectural language, in a practice that was concentrated in Porto, in the core of teachers linked to The School, and in Lisbon around the studio of Teotónio Pereira.

After the war, one of the key documents resulting from the numerous debates about heritage, was the so-called Venice Charter, which came out of a meeting held in May 1964. Among the 23 technicians on the drafting committee that prepared the summary text was the Portuguese architect Luís Benavente². Although other Portuguese technicians were present, including his direct bosses, Benavente represented himself independently since, the following year, Portugal would be admitted as a member of UNESCO³.

Much of the importance attributed to this document is mainly due to the broadening of the concept of heritage. A concept that, in addition to the monuments and buildings, extends to the places where they are located, and the need to respect

changes made over time. Thus, the analysis and study of heritage considers not only the original form of the buildings, but also all the changes introduced later.

For conjunctural reasons, the construction projects of the lodgings of Guimarães and Vila Nova de Cerveira, and the one developed for more than three decades for the University of Covilhã⁴, were all started in 1972. All of them have innovative approaches with respect to what had been allowed up to that moment, pioneering what would be a renewed cultural and political interest in local values, which would manifest itself after April 25th, 1974.

Its importance lies in the fact that in Guimarães, for the first time, a building classified as a national monument was allowed to be extended; in Cerveira, the space within the walls of the old castle was reinterpreted to integrate a new functional structure; and in Covilhã, the topographical features are used to remake the buildings, modifying the entire territory that was previously used for industrial purposes.

These concepts aligned with the conclusions of the UNESCO convention held that same year, 1972⁴, in Paris, which extended the scope of the Venice Charter to include ensembles, or groups of buildings, and places of interest, specifying that the sites can be simple works made by man, or the combination of these with those of nature.

1 A DGEMN employee since 1941, and then its director, he later became responsible for overseas works. Six other Portuguese technicians were also present.

2 Portugal joined UNESCO in 1965, with the collaboration of the British, but left the organization in 1972, rejoining it in 1974.

3 These buildings do not constitute the entire University (of Beira Interior), but only its central core.

4 Aware that these issues required a position beyond national borders, it was the first step in the search for guidelines for a world heritage site.

Portugal stood "Proudly alone", in this as in several other meetings, as it was not officially represented, being dismissed for political reasons⁵.

The protection of heritage was assigned to the General Directorate of National Buildings and Monuments (DGEMN)⁶, which was created in 1929. It was one of the structures of "corporate organization of national work", created by Oliveira Salazar and would coordinate "the services for the works of national buildings that were dispersed" through the creation of an organization, which would "provide them with a unit of orientation [...] and rules that facilitate their execution and competence". Operating under the Ministry of Commerce and Communications, its activity was aimed at conservation.

It consisted of three departments, two of them for real estate, headed by engineers, and the third for national monuments, led by an architect. Above them, the Director General, in charge of defining the guidelines, was also an engineer.

It was precisely the reference to heritage that Henrique Gomes da Silva⁷, as the first director, quickly assumed as a clearly ideological orientation and purpose. It was at the First Congress of the National Union, in May 1934, that heritage was considered as "a fixer of material and moral wealth [...] of a national conscience of the past, pres-

ent and future". An orientation emphasized by Salazar in the celebrations of the tenth anniversary of the revolution, when in a speech on "the great certainties of the National Revolution", he refers to "material restoration, moral restoration and national restoration"⁸.

An institution initially established to coordinate the works of state buildings, thus took on an ideological task of defending moral values and promoting the regime - a political task in the field of the division of monuments, but which is confused more and more with the actions of the DGEMN itself.

Essential documents to understand the works carried out at that time are the Bulletins, published by DGEMN from 1935 onwards, documenting the works carried out to return the monuments their "primitive beauty, purging them of later excrescences and repairing the mutilations suffered". It was a return to the times and characters of a heroic past, a task that was completed with the numerous and staged public celebrations with which history was rewritten, highlighting facts, events, places and people.

Exemplary of this stance were the interventions carried out throughout the 1930s and 1940s, in particular those carried out in Guimarães (with the reinvention of the Paço Ducal), in Oporto (cleaning and recreation of the Cathedral's surroundings),

5 That same year, another delegation left the International Labor Conference after the adoption of an identical motion rejecting the Portuguese colonial system.

6 The antecedents in the structure of the State date back to 1919. Until the early 1970s, all interventions were carried out on various buildings and not only on listed buildings.

7 Henrique Gomes da Silva was General Director from 1929 until he reached the age limit in 1960, succeeded by José Pena Pereira da Silva, who was director from 1961 to 1976.

8 Speech given in Braga, in 1936, on the restoration works carried out in the Archbishop's Library/Archive building.

in Coimbra (in the construction of an 'acropolis of knowledge'), in Lisbon (in the various projects of monumentalization of the 'capital of the empire'), in Vila Viçosa (with the reformulation of the urban layout), and the attempted intervention in Sagres (in the successive projects to create a monument to the Infante, never built).

These interventions that were not the consequence of any reflection on heritage. They even ignored what was already criticized at the 1931 Athens conference on the complete reconstitution of monuments, defending instead their maintenance, since for the Estado Novo they were above all a manifestation with purely political propaganda objectives.

Meanwhile, the situation in Europe, with the destruction of war and the availability of new technologies, combined with a new socio-economic reality, led to an inevitable reflection and reformulation of what could and should be the approach to heritage. Reflections that were framed by the various international structures created, where the debate on heritage was developed and mechanisms that could prevent similar situations from being repeated were created.

In 1945 UNESCO was founded, followed by meetings in The Hague and Paris with the intention of creating international protection mechanisms (1954); congresses (in 1957 and 1964) that resulted in the founding of ICROM (International Centre for the Study of the Preservation and Restora-

tion of Cultural Property) and ICOMOS. Portugal was absent from almost all of them, although it remained aware of what was happening there.

Unlike other authoritarian regimes, the EN never defined an official orientation for the patrimony, a strategy similar to the one it followed in relation to many other aspects. In fact, in this as in other aspects the EN prohibited few things, instead everything depended on some authorization that always had to be requested "for the good of the Nation" and was seldom approved.

This role was played by the DGEMN, which reconciled it with the orientations of the National Propaganda Secretariat (SPN) led by António Ferro. It was these two agencies that built the image of the State and for whom the monuments were its heritage. Thus passed the fifties and sixties, divided between the restorations of the DGEMN, the exaltation of the Portuguese people and a D. João V style, which was imposed in the cities, or exported as the image of some of the pavilions for representations abroad.

At the same time, there were also changes in architectural practice in Portugal, where, despite the limitations, some notable works influenced by the modern movement were produced. Although rare, in these cases intervention in heritage was absent, with the exception of the "pousada", and especially the so-called "pousadas históricas"⁹ (historical lodgings). With them, the objective was to create a network to develop

tourism, combining some monuments with places where tourism, promoted a national identity "respecting the style of each region".

The pousadas were one of the first buildings where the new and the old came into contact. With them, a new program was integrated into pre-existing buildings and the image of a more or less idealized origin was created, always seeking to reconcile it with one of the heroic periods of history. With them, it was also intended to create a synthesis with the guidelines of the SPN and thus better ensure the correct taste of the Portuguese, highlighting the more traditional values, emphasizing forms and materials of a supposedly stylized rural world, as the most convenient reference. These constructions had to be rustic, just as churches were Romanesque or Gothic, so castles had to have battlements and cities had to have a pillo-ry, even if it was fake.

Outside this model, the hostels of Valença, Bragança and Oliveira do Hospital¹⁰ were created, all of them new and isolated buildings, but there are not many other examples. The reality of the monuments was very different, where the concern was still the "architectural integrity", that is, "to return the monuments to their primitive state", "to purge them of later excrescences".

After the years of political propaganda that marked the 1940s and 1950s, in the 1960s the concentration of state spending began to be channelled towards the war in Africa, with a significant reduction

⁹ They were created in the 1950s, taking advantage of buildings and monuments, many of them in poor condition. The first was the Óbidos Castle (inaugurated in 1951).

¹⁰ All made in the second half of the 1950s.

in interventions in heritage. In 1960 the course of the DGEMN changed, and with it also relaxed some of the rigour in the assumptions of heritage policy. However, works continued to be carried out, such as those of the church of Santa Engrácia (1956-1966), and the restoration of the D. Maria II theatre (1964-1978), where the apparent unity with the pre-existing contrasts with the incoherence of the technical and formal solutions adopted.

The EN insisted on a practice that considered monuments, like the great men of history, as isolated entities in order to stand out better from the social, economic and cultural framework, fundamental to the understanding and interpretation of each situation. However, international bodies proposed defining a historic monument as "an isolated architectural creation, as well as a rural or urban site that represents a particular civilization, a significant evolution or a historical event".

This was the cultural heritage environment that existed in Portugal in the early 1970s, when the three projects we are considering were started.

The cultural environment

At that time, it was still the principles of the Venice Charter that dominated the understanding of heritage with a framework now broader in space and time. A space that, beyond the buildings, expands to

landscapes and sites, and a time that is no longer static and takes into account all the transformations that always occur in buildings. Spaces and times that were now understood as fundamental elements for the reading of the history of each architecture.

During those years, the DGEMN carried out works in the Lóios guest house, although the project started in 1957, as well as the adaptation of the Episcopal Palace of Castelo Branco, (which started in 1964) or in the Palmela guest house, (from 1969 until 1979). In each case, the interventions carried out continued to hide the criticized "works of adaptation to modern taste or to the intended cultural requirements".

The sixties in Portugal were also a period marked by successive political protests, many of them directly related to the colonial policy that the government refused to discuss or change, and this socially and economically influenced the whole period.

These were also years in which it was possible to organize some of the structures of reflection and initiatives that would allow many of the changes that materialized in the seventies.

In 1961, contrary to standard practice, it was stated that "the rehabilitation of buildings must respect the environment of the areas in which they are located"¹¹, and in 1962 and 1963 study centres were established at the LNEC (National Civil Engineering Laboratory) and the DGSU (General Directorate of Urbanization Services)¹². In 1965, the JNE¹³

11 Manuel Laginha at a congress on urbanism, in addressing urban renewal, VA, 1961, p.446.

12 I am referring to the Center for Urban Planning and Housing Studies engineer Duarte Pacheco (CEHUHDP).

13 Directorate-General for Education (JNE) was created in 1936 with the objective of studying "all problems concerning the formation of character, teaching and culture".

was modified to include a section specifically dedicated to the "Protection and Conservation of Monuments and Works of Art". In 1968, promoted by the FCG and FIHUAT¹⁴, CEHUHDP and DGEMN were represented, in addition to several foreign experts, in the 'I Colloquium on the Safeguarding of Landscape and Historic Sites', despite limited participation and diffusion among the professional sector. In the same year a competition for a new professor for ESBAL (Lisbon School of Fine Arts) was announced, which did not produce any pedagogical renovation, and in 1969 another cycle of conferences was held, this time in Funchal.

These initiatives were very diverse but created an environment conducive to the emergence of proposals such as the recovery of the Barredo area (in Porto), a plan that would highlight the important relationships established at the time between the School of Architecture of Porto and the city¹⁵, and the invitation of UNESCO to Viana de Lima to carry out several interventions in Brazil, in the area of Minas Gerais, both marking a renewed and innovative focus to the problems of heritage and rehabilitation of historic centres.

This focus was also the result of another activity that assumed growing economic and social relevance at the time: tourism, to which it is important to add university education, precisely the programs of the buildings analyzed here.

The University was trying to recover from a serious academic crisis, and from the general malaise of a whole generation, and one of the responses of the regime

was the proposal to create 6 new teaching centres. As for tourism, from 1964 it experienced a strong growth both in the number of tourists and in the importance of the revenue generated from 1971 tourism would even become responsible for an important part of national exports.

The coincidence in the timing of the beginning of the three projects also fits in with the cultural atmosphere of a certain political opening that was taking place at the time, as a consequence of the replacement, in September 1968, of Salazar by Marcelo Caetano. A situation that, if in previous years already sounded like a death foretold of the regime, in 1968 and '69 was accentuated by the aggravation of successive academic crises and social protest, which the government countered with faint attempts at cosmetic changes to the regime. These changes included the holding of elections and the possibility of holding a Congress of the Democratic Opposition. The architects, who were unable to organize a congress or other meeting of a broader nature where they could discuss the many problems of the profession, were only allowed to hold a meeting, with other political priorities, where heritage was not the main topic of discussion.

1972, the year in which these three projects began, was also the year in which Portugal left UNESCO, after several years of successive international pressures due to the African policy maintained by the government.

Addressing heritage no longer focused

only on monuments, but now also extended to sites. An expansion of concepts somehow accompanied that of architectural practice itself, which increasingly expanded from the building to the landscape, assuming that one of the forms of organization of space is "the vertical, which occurs between men of different eras" (Távora, 1962). All this at a time when memory and history were increasingly present in the work of many architects.

3 interventions in the built heritage

The importance of these three works in the panorama of what was being done in Portugal at that time, with legislation that was still very restrictive, is due to the ability of these projects to take advantage of the limited openness that existed at the time, and to express an approach to each of them that was clearly updated with the concerns and ideas expressed in the various international meetings.

The greatest innovation expressed in them is the incorporation of these concepts, that is, how they extend and relate each of these projects in an extended time and space. All three, each in their own way, pose questions that allow for a new understanding of the relationship between heritage and territory, between landscapes and sites.

And if it is true that every work of architecture can never be dissociated from the place where it is made, almost all previous interventions in heritage were

14 International Federation for Housing and Planning (FIHUAT)

15 Where, despite the many differences, we can find some relationships with the plan that was then being elaborated for Bologna.

generally limited to an approach that favoured the pre-existing building/object, as if freezing it, as the expression of a "certain decadence in this obsession with preserving buildings" reflects.

On the contrary, they all expand in the continuity of time, but also in an extended space which becomes an environment that is no longer restricted to physical limits, but extends through social, economic and cultural reflections.

At the time these three interventions were initiated, all these buildings were quite deteriorated. The two future pousadas occupied spaces previously used as housing, and in Covilhã it was an old factory area, degraded after the closure and abandonment of the facilities that had become the main wealth of the region. In Cerveira and Guimarães the idea was to build a guest house integrated into a historic building, but while in one of the cases it was located in a clearly urban district, the other, although linked to the pre-existing convent, where an important part of the program would be installed, presupposed the need for its extension.

Leaving aside the total reinvention carried out in the Ducal Palace of Guimarães in the 1940s, these are the first times that restoration and renovation of a national monument would be authorized for its enlargement. A situation to which the DGEMN had always opposed, considering them "attacks against art, simultaneously damaging historical traditions and even the dignity of intelligence" (Silva, 1935, p.6).

For Gomes da Silva, the fact that it was a national monument prevented it from being changed and, therefore, from being expanded¹⁶.

In the case of Covilhã, it was an old industrial area, where the buildings of the old wool factories, now empty, were located. The intention was to install there a new higher education centre for the city, which was inseparably linked to the use and occupation of this industrial heritage, to which some attention was beginning to be paid at that time, but which still had no legal protection.

Both in Guimarães and even more so in Covilhã, the very rugged topography was an important factor in the extension of the buildings, while in Cerveira the old castle occupied a small hill that the city had surrounded. The reduced dimensions of the castle and the locality, as well as its morphology were determining elements for the solution found, while in the university study the attention was focused on maintaining the relationships that had developed over the years between the city and all the facilities.

The authors of these three projects were Fernando Távora, Bartolomeu Costa Cabral, who from the beginning was responsible for coordinating the works in Covilhã (a project of Maurício Vasconcelos' studio¹⁷, where he was working at the time), and Alcino Soutinho, one of the members of the team that initiated studies for Vila Nova de Cerveira. In this latter case, and given the characteristics of the site, the

¹⁶ In some (few) previous works where this was done, they were vaguely justified on archaeological or documentary grounds, as can be seen by consulting the Bulletins, or were hidden in basements.

¹⁷ The GPA, Office of Planning and Architecture, which operated until 1994.

invitation was made directly to Octávio Lixa Filgueiras, who, upon accepting the assignment, immediately decided that he would work with Soutinho and Rolando Torgo. It was this team that presented the preliminary project, but later commitments taken on at the JNE led Filgueiras to leave the work of the studio, with Soutinho¹⁸ assuming responsibility for its coordination, and continuing to collaborate with Rolando Torgo.

To question whether "we are facing a technical problem, and it is not about architecture, or if it is a design problem" (Grassi, 1979, p.81), was a question that certainly did not arise from the long, diverse, and wide-ranging experience of all of the architects. Knowing that "the architect, in order to realize himself, has to know how to do things and at the same time know things, and men, and the world, and life" (Filgueiras, 1962, p.16), these could be design problems, where "the fundamental choices at the constructive or technological level are not prioritized, these levels will make the idea viable and the idea, has form, must have formal and constructive coherence. All associated knowledge comes into play here to represent and present it: technologies, history or archeology, anthropology and economics, etc., will be available material for the construction that the idea determines". (Costa, 2004, p. 2).

It is an approach to the project where the character of synthesis of the multiplicity of contributions made by the various

human sciences is always present, and the implications in the way in which the relationships between the new and the old must be understood that each one of these projects contemplates.

Technical questions arise, no doubt, but above all conceptual ones, in the field of the discipline of architecture: in the relationship of every work with the territory where it is located, and in the expression of the relationship with heritage, in the need to respect its memory, but also to live its contemporaneity, without mimetic concerns.

In this spirit, it was possible to maintain the character of the old industrial buildings built by Pombal in Covilhã, and thus safeguard the close relationship they established with the city. In this way, the university is maintained as a continuity of the old factories, since they represented the continuity built with the stones of the city walls that fell in the earthquake of 1755, and of the walls that prolong them and fix each of them in the mountains.

Located about 3 km from the city of Guimarães, it is also history that justifies the representativeness and symbolism of the facade of Santa Marinha da Costa, although it was successively modified up until the eighteenth century, when its importance reached its peak, and it was interrupted in the nineteenth century with the Liberal Revolution of 1834. It is also history that explains the development of the convent, which for more than 400 years was occupied by the Canons of St.

Augustine, but also the successive occupations it has had up to the present day.

The Cerveira complex is also urban. Not the urban model that is related to the city, as is usually the case, but an urban model that is the very memory of the old fortified nucleus of the town, delimited by the perimeter of the walls. The new buildings are thus a reflection of the memory of the old walled city and of the urban structure itself, creating individualized living spaces, some built inside ancient ruins, others redefining the design of public space - a mixture of old and new, where the old and the contemporary complement each other forming an inseparable and almost timeless whole. The pousada thus becomes the old town within the walls.

Despite their internal coherence, all these built structures can only be understood with the connections that each of these buildings establishes with each of the sites. The different ways in which the different routes and paths connect and extend through the city (in Covilhã), or organize the hinge between the old and the new (in Guimarães), or even when buried, they allow the functioning between the different bodies of the pousada (of Cerveira), facilitate the understanding of the multiple and complex readings of each of these projects, and the continuity in time¹⁹ that each of them represents.

Options that express the need to respond to the functionalities of each

18 Also in 1972, Soutinho started two other works related to heritage: the studies for the adaptation of the Fort of S. João dan Foz, the pousada, which after presenting the preliminary study would not be continued; the Amadeu de Sousa Cardoso Museum in Amarante, a project that would last until 1978, where the concern for interpreting history is very clear, taking it as the basis for organizing the new structures.

19 In the sense described by Aldo van Eyck.

building Solutions that find a way to share the public space of the community in the old fortification with the enjoyment of the longed-for privacy of that same space by the users of the four centers in which a guest house is organized, now divided by the old buildings, and "under the aesthetic point of view [...] the concern to obtain a counterpoint between the fundamental elements of the existing and new constructions" (Soutinho, p.23). Or the meticulous search for the precise point where the old and the new touch, articulate and thus resolve to allow the functioning of the whole. Or even how a new body integrates plastically and volumetrically with the old. Or the need to make compatible the specificities of circulation, lighting or autonomy of the functioning of an auditorium, a library, a museum, with different types of classrooms, in a program subjected to successive changes in a project that has been carried out over the course of more than thirty years "with great simplicity, without preconceived ideas [...] and that could not be based on aesthetic aspects" (Cabral, p.57).

One must appreciate different ways of working heritage where, in addition to the volumetric, functional or even formal options of each of these projects, we should always to understand the mas the result "of a permanent and collective creation, a design always evoked and continued from the past" (Ferrão, p. 40). Or, as Calvino liked to refer to drawing, understood as a synthesis of memory and culture.

Ideas very "open" and innovative approaches, either in the sense of proposing new ways of reorganizing a structure already irremediably lost (but where the aim was to maintain coherence with what was still possible to find from the remains of other structures that had already disappeared), or even searching in those same memories for references for new constructions in the development of each project. A search to remember them without any mimetism, nostalgia or what today perhaps we should call 'hybridity', in the sense that Homi Bhabha gives to this term.

These architects began in an already final phase of the EN, a period marked by the contradictions of a hesitant opening up of the regime, which also pretended to be cultural, but which went hand in hand with a closing of ranks of the most conservative groups that supported it.. Undoubtedly, they were remarkable works²⁰ for what became another way of looking at and working with heritage.

Exemplary demonstrations of the need to see the recovery of heritage as "an act of creation and not of bureaucratic routine or personal fancy", in other words, as an architectural project.²¹ An approach that is consistent with the careers of all of them.

Lixa Filgueiras was one of the first architects in Portugal interested in studying the relationship between architecture and social sciences. An interest well reflected in the theme presented for CODA²², for

20 The Vila Nova de Cerveira guesthouse was awarded the Europa Nostra prize in 1982 and the Guimarães guesthouse received the National Architecture Prize in 1997.

21 Távora, Fernando: Património, Communication at the First Congress of the Northern Region, Porto, 1987.

22 CODA was the Competition for the Diploma of Architect. The theme presented by Filgueiras was:

the coordination of zone 2 do Inquérito (1955-61), or by the annex to the CIAM proposals that he presented in Dubrovnik (1956) where he was also co-author of the CIAM Porto team proposal, or by the urban study program he developed for the Barredo area as the chair of 'analytical architecture' (1962-70). For a long time, he was passionate about the study of traditional boats and the understanding of what their formalisation represented in relation to the conditions of each site, or the way in which populations use them. It was to these study themes that he dedicated himself at the end of his life.

Fernando Távora, following the Santa Marinha da Costa project, developed the Refóios de Lima monastery project (1987-93) to adapt it to an agricultural school, and collaborated in the recovery of the historic center of Guimarães (since 1983), and in other works in heritage buildings, mainly in Coimbra and Porto, culminating in the renovation of the tower of the Casa dos 24, next to the Cathedral (1995-2003).

Bartolomeu Costa Cabral, is, among all these architects, the one who had a professional activity, and more diversified, sharing a studio with Nuno Teotónio Pereira, with whom he always maintained sporadic collaborations, in a friendship that lasted until his death. He would remain linked to the work at the University of Covilhã for more than thirty years, between 1972 and 2004 in a succession of contributions, highlighting the body of the library (2001), and concluding with the wool museum and historical archive (2004).

Conclusions:

These are three innovative works that, in 1972, played a role in Portugal as pioneers in the diversity of approaches to heritage and the possibilities of reconciling the modern with memory and history, prolonging the past, bringing it into the present experience, aware that there is no specific method for approaching heritage. It is only necessary to understand the pre-existing in order to create new living conditions on it, and to understand that heritage also includes the surrounding territory, and time, through the way in which history and the past are integrated into the project. The works spear-headed a new way of approaching intervention in heritage, aware that architecture, like the city, is evolving, and the role of the architect is, more and more, to reinterpret, understand and work with these different rhythms, something that all the transformations brought about by April 25th, 1974, would enhance and diversify, and which have already been explored here.

These works are exemplary and innovative in the way that heritage can now be seen as "gestures of absolute contemporaneity [...] a consequence of our reading of the past, of our conscious experience of the present and of our personal projects for the future". (Costa, 2003, p.10)

A heritage that, because it is architectural, is necessarily physical, must also be made evident in the complexity of its multiple conceptual dimensions.

"Urbanism a rural theme".

Bibliografía

- Brandão, M. (2001) *Pousadas de Portugal: Três estudos de caso* [Mestrado] Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Ochoa, R. (2016). Bartolomeu Costa Cabral, por uma arquitetura de verdade. *Branca* (1), 54-59.
- Costa, A. (2003). O património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade. *Jornal Arquitectos* (213), 7-14
- Costa, A. (2004). Notas soltas sobre arquitectura, história, nostalgia e construção. *Arquitectura Ibérica* (18)
- Ferrão, B. (1993) Tradição e Modernidade na obra de Fernando Távora. 1947/1987. En L. Trigueiros (Co.). Fernando Távora. Blau
- Filgueiras, O (1985). *Da função social do arquitecto*. (2ª ed). ESBAP.
- Flores, J. (2017). *O estudo de renovação urbana do Barredo, Porto 1969* en A. Costa, A. Velosa, A. Tavares (Ed), *Congresso da reabilitação do património*. Universidade de Aveiro
- Grassi, G. (1979). *La arquitectura como oficio y otros escritos*. Gustavo Gili
- Maia, F. (1996). Mestre Fil. *Arquitectos* (159), 10-17
- Moniz, G.C., Correia, L.M., Gonçalves, A. (2017). *O estudo da renovação urbana do Barredo. A formação social do arquitecto para um território mais democrático* en A. Costa, A. Velosa, A. Tavares (Ed), *Congresso da reabilitação do património*. Universidade de Aveiro
- Pereira, N. T.; Matos, M.; Cabral, B. (2005). *A Universidade e a cidade 1974-200*. Covilhã: Universidade da Beira Interior
- Portas, N.; Mendes, M. (1991). *Portugal architettura, gli ultimi vent'anni*. Electa
- Ribeiro, F.; Valverde, I.; Costa, M.; Aguiar, J. (2016). *Prospecção e defesa da paisagem urbana do Algarve (1965 - 1970): a arquitectura tradicional e a preservação do património urbano na proposta da DGSU* en VV.AA., *Colóquio Internacional Arquitect-*
- tura Popular. Município de Arcos de Valdevez
- Silva, H. (1935). Monumentos Nacionais, orientação técnica a seguir no seu restauro. *Boletim da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, (1), 9-20.
- Soutinho, A. (1995). *Guia das Pousadas e Hotéis de Sonho*.
- Távora, F. (1962). *Da organização do espaço*. FAUP Publicações
- Trigueiros, L. (1993) *Fernando Távora*. BLAU.
- VV.AA. (1961). *Colóquio sobre urbanismo*. Centro de Estudos de Urbanismo
- VV.AA. (1988). Prémios Nacionais de Arquitectura AAP 1987. *Arquitectos* (63-64-65).
- VV.AA. (1993). *Dar futuro ao passado*. IPPAR
- VV.AA. (2010). *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910 - 2010*. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico